

apresentação

Seria acaso inconcebível incorporar a literatura traduzida no acervo da literatura autóctone? É possível separar – no literário – o que é próprio e o que é alheio? Convenhamos: a literatura traduzida invariavelmente foi (e é) matéria-prima tanto de leitores que se tornam autores quanto de tradutores que, no ofício da tradução, acabaram por se fazer autores, caso conhecido de José Paulo Paes, tradutor e poeta. E o que isso significa?

Se se admitem os dois percursos apontados, pode-se por eles observar a importância do processo, seja na perspectiva de um aprendizado de escrita estranha à que nos é própria através do rastreamento linha a linha, verso a verso, passo a passo no compasso dos mestres; seja pela influência dessa literatura traduzida sobre autores autóctones que leram as obras de estranhas línguas apenas pela mão (ou pelos agitados dedos digitadores) de um tradutor qualquer.

No entanto, ainda hoje, quando novos cânones surgem para a arte, quando a identidade não é mais unívoca e as redes permitem a figura do autor coletivo, quando se pode atingir e englobar um universo vertiginoso quase infinito; ainda hoje há quem só julgue legítimo e desejável “ler o original”, sem se dar conta de que esse original já é em seu estatuto de “original” passível de inúmeras interpretações e leituras no próprio espaço e tempo em que nasceu, e que os limites dele, com suas possíveis “cópias futuras que existirão em muitas culturas”, são negociáveis em todas as partes e por todas as gentes pelas quais ele venha a passar.

De fato, o tempo descobriu que há, no horizonte literário, a potencialização máxima de dos textos pelas traduções que lhe possam alcançar: traduções interlínguas, intralínguas, intersemióticas, cênicas... Assim, em via de mão dupla e em espaços compartilhados, compreendemos que a

obra que recebe uma tradução dela efetivamente se beneficia, prolongando sua atuação e vida útil; beneficia-se também o sistema literário que a recebe, o qual se modifica, movimenta-se com correntes benéficas de novos ares, novas formas de expressividade, novos padrões estéticos.

Contudo, paradoxalmente, continuamos a ver, em toda parte, editoras que omitem o tradutor – hoje visto pelos especialistas como coautor, dado o valor criativo que se reconhece nas traduções. Em suas edições de obras traduzidas, algumas casas deixam entender, por exemplo, que o *Édipo Rei* do ático Sófocles foi escrito “no original francês”, que Dostoiévski escreveu seus *Irmãos Karamazov* em inglês, que as *Mil e uma noites* foram narradas “para boi dormir”, de tão bem-comportadas que eram, e, pior, que Aristófanes nasceu em terras brasileiras. Contudo, podemos avaliar a importância da literatura traduzida quando entendemos seriamente que alguns autores maiores – Jorge Luis Borges, por exemplo – ou mesmo pesquisadores reconhecidos só podem, puderam e poderão acessar alguns portentos da ciência e da literatura mundial mediante traduções.

Felizmente essa ingenuidade dos leitores se desvanece aos poucos: o mundo virtual aguçou e habilitou inúmeros na lida com as redes, na produção coletiva, na decifração dos absurdos possíveis, na potencialização das ações. Desmotomias assim amplificaram o potencial de voz das obras geradas. A academia, por sua vez, dedicou-se mais largamente a teorizar, de forma crítica e reflexiva, as traduções produzidas e minimizou o preconceito – antes forte e arraigado – da tradução como mera cópia da obra única e genial. Derruiu com isso fronteiras desvantajosas, debateu com manifestações várias e abriu renovados e possíveis diálogos entre os sistemas literários diversos.

O Brasil, que se diga, neste aspecto não ficou para trás, mas avançou; e, desde as iniciativas dos irmãos Campos (ou deveríamos pensar nos árcades a traduzir do italiano, em Odorico Mendes a verter do grego?...), disparou na tradução criativa e colaborativa. Ainda assim, há reticências e meias-voltas. Quase sempre ressurgue a pergunta: “Leu no original?”

Não há mais como negar que a literatura traduzida tem poder e é veículo seguro para a transmissão de culturas. Ela é capaz de formar autores, de instaurar novas formas literárias, novas sintaxes, novos modos de pensar. Ela capacita culturas e inscreve na dinâmica mundial contextos e textos esquecidos; textos e contextos inusitados; mantém diálogos fecundos, é fórum diplomático e conciliador entre as gentes. Sem contar com a tão desejável consolidação da escrita estética e inaugural da poesia.

Sensível ao instante contemporâneo, a *Aletria* se viu motivada a organizar este dossiê, que acabou por se constituir com 20 artigos relacionados ao tema oriundos de 11 universidades diferentes, uma delas sediada na Itália. O espectro literário coberto foi largo e teve como marco inicial a Antiguidade. Múltiplos tradutores e traduções foram abordados de forma teórica, analítica e crítica. Colocamos em estudo as traduções de Tucídides e Políbio, representantes do mundo antigo, e, depois, em sucessão temporal, de Fernando de Rojas (1465-1541) e Lope de Vega (1562-1635); Quevedo (1580-1645); John Milton (1608-1674); Ugo Foscolo (1778-1827); John Ruskin (1819-1900); Emily Dickinson (1830-1886); Wilhelm Busch (1832-1908); Thomas Hardy (1840-1928); João Simões Lopes Neto (1865-1916); Gertrude Stein (1874-1946); Walter Benjamin (1892-1940); Gilberto Freyre (1900-1987); Samuel Beckett (1906-1989); Toni Morrison (1931); Jacques Brault (1933); Conceição Evaristo (1946); Marina Carr (1964).

Observando o resultado, ver-se-á que o Brasil não está mal em receber o estrangeiro, somos albergue confortável e acolhedor. A situação desperta inquietação, porém, quanto a nossa inserção em outras terras. De fato o Brasil literário quase inexistente para os leitores de outras línguas. É certo que houve um *boom* nos anos 1970 com traduções de José de Alencar, Carlos Dummond de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Jorge Amado, apenas enumerando de lembrança. Atualmente algumas outras forças mais recentes, editais motivadores e iniciativas particulares se elevam aqui, lá e acolá. Todavia, há muito que fazer. Neste volume podemos conhecer duas investidas de nossa literatura em outros sistemas, a saber, João Simões Lopes Neto, pela tradução de John Lorenz, 2010, e Conceição Evaristo, por Paloma Martinez-Cruz, 2007.

Há muito que fazer, seja de lá para cá, seja de cá para lá. Pensarmos o Brasil literário dentro de um macrossistema de intercâmbio de culturas é urgente. Este é apenas um passo de um caminho extenso, que se fará certamente com trabalho árduo, mas decerto com alegria e satisfação de conhecer terras, culturas e povos, odisseia heroica que temos pela frente.

Desejamos a todos uma venturosa leitura.

Marie-Hélène C. Torres
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa